

Entrevista com

A historiadora inglesa Sheila Rowbotham, nascida em 1943, desde muito jovem foi uma ativa militante do Partido Trabalhista, das campanhas de solidariedade ao Vietnã e da Internacional Socialista Trotskista. Sheila tem uma trajetória intelectual e pessoal muito marcada pelo movimento de mulheres, que, na década de 60, começou a relacionar questões de natureza pessoal e familiar com os temas mais tradicionais da política.

No Brasil, tornou-se conhecida por seu livro *Além dos Fragmentos*, escrito em co-autoria com Lynne Segal e Hilary Wainwright, uma tentativa de aplicar as experiências aprendidas no movimento de mulheres à luta pelo socialismo. Com grande impacto sobre uma geração que iniciou o movimento feminista no Brasil, *Além dos Fragmentos* trouxe algumas possibilidades de respostas para o desconforto que as mulheres militantes sentiam ao serem discriminadas, às vezes sutilmente, no interior das organizações tradicionais da esquerda. Para algumas, este livro reafirmou a importância da autonomia do movimento de mulheres diante das organizações partidárias. Para outras, o livro serviu como um forte estímulo para lutar pela igualdade entre homens e mulheres no interior destas organizações. Carinhosamente lembramos que foi Elizabeth Lobo quem recomendou a tradução de *Além dos Fragmentos* no Brasil.

Em outubro de 1998, Sheila Rowbotham esteve no Brasil para uma visita ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ), no âmbito de um convênio que esta instituição mantém com o International Centre for Labour Studies da Universidade de Manchester, apoiado pela CAPES e pelo British Council.

A fim de compartilhar com as leitoras, e leitores, da *Revista Estudos Feministas* a enriquecedora convivência com Sheila, registramos aqui um pouco de sua vida pessoal e de suas idéias.

Sheila Rowbotham

Como você chegou ao feminismo?

Eu tenho refletido muito, ultimamente, justamente sobre esta questão já que estou escrevendo uma memória dos anos 60. Fui uma das primeiras pessoas que iniciaram grupos de mulheres na Grã-Bretanha e as minhas influências foram muitas. Quando eu era jovem me identifiquei com um tipo especial de mulheres que eu havia conhecido através de suas biografias. Aos 14 anos li e me identifiquei com a biografia de Mary Wollstonecraft que escreveu *Vindications to Rights of Women*, em 1792. Logo depois li *Os Mandarins* e *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Confesso que tive a impressão de que havia algo de hostil e exageradamente intelectual em Simone de Beauvoir para uma adolescente que, como eu, era valdosa e gostava de se vestir bem.

Quando entrei na universidade pensava que o feminismo era uma luta de mulheres que queriam uma profissão. Eu me envolvi primeiro nas campanhas pelo desarmamento nuclear e depois nas lutas contra a guerra do Vietnã. Nós tínhamos nossas heroínas: as minhas eram as mulheres que estavam lutando no Vietnã no Movimento de Libertação Nacional. Mas nós não relacionávamos nossas experiências e sentimentos individuais com a política. Parecia existir uma divisão: de um lado, a política; de outro, nossos sentimentos sobre sexualidade e as maneiras como nos sentíamos excluídas como mulher. Ainda não tínhamos uma linguagem para expressar nossos sentimentos.

No final dos anos 60, esta linguagem começou a surgir com os movimentos culturais dos negros, que trouxeram os sentimentos pessoais para a esfera pública. As mudanças na sociedade capitalista afetaram decisivamente as mulheres da minha geração, provocando uma passagem sem igual para a esfera pública.

através do emprego. Isto significou que poderíamos aprender a nos sustentar economicamente, não ainda como os homens, mas bem melhor do que no passado.

As mulheres da minha geração viveram com especial intensidade o conflito entre exercer a maternidade ou investir na educação e na profissionalização. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da mídia e da sociedade de consumo pôs em pauta uma nova atitude frente à sexualidade, que nos obrigava a uma reflexão sobre a nossa vida privada.

É importante dizer que a nossa consciência foi influenciada por diferentes movimentos radicais daquela época, que manifestavam, muitas vezes, tendências contraditórias.

Você pode dizer alguma coisa sobre a sua origem familiar e educação?

Eu cresci numa cidade industrial do norte da Inglaterra chamada Leeds, na região de Yorkshire. Meu pai, quando eu nasci, era bem mais velho do que minha mãe, tinha mais de 50 anos. Eu fui um acontecimento inesperado. Ele era vendedor de material de engenharia. Ninguém na nossa família tinha nível superior. Meu pai tinha uma inteligência matemática, como os engenheiros. Minha mãe era uma pessoa muito introspectiva e perceptiva. Eles me mandaram para um colégio interno metodista numa parte muito fria da região de Yorkshire, uma vila na costa leste.

Naquela escola, tive uma professora excelente, que despertou meu interesse por história. Ela me ensinou a pensar criticamente, fazer relações entre as coisas, questionar e compreender o mundo como uma intelectual. Este encontro foi decisivo para a minha trajetória. Depois disso, fui para Oxford e consegui entrar por um golpe de sorte. A questão da prova de seleção era: discussa a Idade da Fé e a Idade da Razão. Eu nunca tinha estudado a época medieval mas tinha lido um único livro que dizia que a Renascença não tinha sido uma novidade e resolvi escrever sobre esta idéia. Uma das professoras que julgou o trabalho gostava muito deste livro e era especialista em "humanismo medieval". Ao não fazer o que me pediam, contrastar as duas épocas, acabei sendo considerada uma pessoa inteligente.

O que você fez em Oxford e depois?

Eu comecei uma tese sobre o Movimento de Educação de Adultos, orientada por Eric Hobsbawm, mas nunca conclui. Não achava que este estudo era politicamente relevante, porque considerava as pessoas envolvidas neste movimento, de homens da classe trabalhadora, muito reformistas.

Em 1969, provocada pelo movimento de mulhe-

res, comecei a me interessar por escrever sobre a situação da mulher. Este movimento, justamente por não ter uma visão articulada teoricamente, me estimulou a pensar e tentar compreender melhor a experiência de subordinação feminina. Estes *insights* foram extremamente úteis para minha entrada no movimento de mulheres.

Como foi a sua experiência de ser uma intelectual fora das universidades? Como foi possível você se manter e produzir seus livros?

Nos anos 70 foi tranquilo sobreviver pois eu não precisava de muito dinheiro. Neste período, eu me mantive apenas com os meus livros porque as coisas eram mais fáceis e baratas. Eu também dei aulas na Associação de Educação dos Trabalhadores em tempo parcial. Esta tranquilidade durou até o nascimento do meu filho, quando o dinheiro ficou realmente escasso. Eu tinha que pagar alguém para cuidar do meu filho enquanto eu preparava as aulas e o dinheiro que recebia não era suficiente para isso. O pai dele ganhava muito pouco. Havia também a crise econômica nesta virada para os anos 80. Foram tempos difíceis mas eu consegui um emprego em Amsterdam, dando aula em uma universidade, em tempo parcial, sobre Estudos de Mulher. Eu viajava muito e ele ficava com o pai. Estas aulas me sustentaram por dois anos até que fui trabalhar para o Greater London Council - GLC. Lá eu fazia um jornal chamado *Job's Free Change*, que procurava popularizar as formas com que os trabalhadores e os sindicatos poderiam participar no planejamento econômico da cidade. Fiquei até 1986, quando esta instituição foi abolida por Margaret Thatcher. As coisas ficaram difíceis novamente e fui lecionar nos Estados Unidos. Ainda nos anos 80, eu me envolvi com um instituto das Nações Unidas chamado Wider (Instituto Mundial para o Desenvolvimento de Pesquisas Econômicas). Para esta experiência, eu trouxe aquilo que aprendi no GLC - sobre a importância de uma forma democrática de desenvolvimento econômico a partir de uma experiência local - para um contexto global. No final dos anos 80, eu comecei a ler mais sobre mulheres e desenvolvimento, tema que me interessou muito. Como historiadora, passei a refletir sobre o que as pessoas estavam realmente fazendo. Estava interessada na história dos movimentos populares. Eu queria compreender quais formas de organização eram atraentes para as mulheres envolvidas na economia informal. O trabalho teve como resultado a publicação de um livro, *Dignity and Daily Bread*.

Como surgiu a idéia de escrever *Além dos Fragmentos* (*Beyond the Fragments*)?

No início da minha participação no movimento de mulheres eu conheci Sally Alexander, que, como eu, ensinava na Associação de Educação de Trabalhadores (WEA). Sally, assim como Barbara Taylor e Anna Davin, estava escrevendo sobre a história das mulheres. Em 1974, fui para os Estados Unidos e encontrei historiadoras feministas americanas, como Rosalyn Baxandall e Linda Gordon. Muitas mulheres escreviam sobre a história das mulheres nos Estados Unidos e eu me liguei a elas.

No final dos anos 70 aconteceram muitas mudanças políticas com Margaret Thatcher no governo. Eu, Hillary Wainwright e Lynne Segal escrevemos *Beyond the Fragments* (*Além dos Fragmentos*) que, para minha surpresa, foi publicado no Brasil. Foi feito para ser um panfleto que interessasse às pessoas de esquerda mas acabou tendo uma grande repercussão no Canadá, nos Estados Unidos e até no Brasil.

Quando fui à Índia, inúmeras pessoas me aguardavam como se eu estivesse criando a Terceira Internacional das Mulheres.

Como você vê o livro hoje?

Considero que ele é ainda relevante pois muitas pessoas, na Inglaterra, agem da forma como descrevemos no *Beyond the Fragments*. O que queríamos produzir era um livro que mostrasse parte de nossa experiência e uma visão crítica do ponto de vista do movimento de mulheres socialistas. As pessoas queriam que apresentássemos teorias prontas sobre o desenvolvimento de uma nova esquerda. Mas nós não tínhamos a capacidade para fazer isto. Era necessário um movimento que juntasse os fragmentos e isto, muitas vezes, tem ocorrido. Na greve dos mineiros de 1984, que durou quase um ano, vimos velhos militantes do Partido Trabalhista (as figuras heróicas tradicionais) com uma nova visão sobre mulheres, negros e deficientes físicos. Os mineiros estavam sem qualquer tipo de apoio e foram recolher doações em áreas predominantemente de população negra. Alguns destes mineiros vinham de pequenos vilarejos do norte da Inglaterra e nunca tinham visto um negro. Ficaram entusiasmados com o apoio que receberam e perderam muitos de seus preconceitos. A visão que tinham do racismo mudou, pois passaram a perceber que existiam muitas coisas em comum. Um jovem negro, de um bairro em que a polícia tinha medo de entrar, convidava os mineiros para falar sobre a greve. Assistimos, surpresos, mineiros do interior do País de Gales entrando em contato com negros de um bairro popular de Londres. Estas mudanças de visão realmente aconteceram.

ceram, mas a greve foi derrotada e tornou-se muito difícil continuar estes contatos fora do contexto grevista. Mas, Hillary continuou promovendo estes encontros, na Grã-Bretanha e em outros países, entre Jovens que estão construindo uma esquerda do tipo "faça você mesmo" e grupos que não acreditam na ajuda do Estado. Eles continuam se encontrando para discutir como juntar os fragmentos. Lynne teve uma trajetória distinta, escrevendo sobre psicologia e masculinidade, assuntos muito debatidos nos movimentos feministas. Lynne tem a habilidade de traduzir para uma linguagem muito clara essas coisas complicadas de se entender, como Lacan. Eu fiquei na área de desenvolvimento e ainda interessada em história, pois queria pensar mais globalmente. Estamos em contato mas trabalhando em campos diferentes.

Você teve uma longa convivência com Edward P. Thompson e seus estudos refletem esta influência. Como foi o seu encontro com Thompson?

Na universidade eu tive um orientador muito simpático, Richard Cob, que escrevia sobre revoluções. Como eu era de Leeds, ele me disse que eu devia conhecer uns amigos - Edward e Dorothy Thompson - que estavam escrevendo sobre Cartismo, nada que me interessasse muito. Eu tinha 19 anos neste momento. Estava muito nervosa mas marquei um encontro com Edward e Dorothy Thompson como foi sugerido por Richard. Fui recebida primeiro pela Dorothy e só muito mais tarde o Edward apareceu. Depois fiquei sabendo que ele estava escondido porque pensavam que eu era uma estudante que o travesso Richard Cob tinha engravidado e que havia procurado os dois para contar esta história. Richard tinha a reputação de gostar de estudantes. Mas eu não estava grávida e Edward apareceu. Dorothy e eu fomos ao teatro naquela noite e eles acabaram me adotando como parte da família. Apoiaram-me muito quando minha mãe morreu e, depois, quando meu pai morreu. Edward preparou o bolo do meu aniversário quando fiz 21 anos. Nós conversávamos muito sobre política e história. Eu ganhei do historiador Christopher Hill o apelido de Tiger Tim e Edward logo adotou o apelido. Era um jogo de palavras com um gato de história em quadrinhos que pensava ser um tigre.

Quando você começou a escrever sobre as mulheres?

Quando comecei a escrever estava interessada, de maneira geral, em revolução e, principalmente, história. Depois, delimitei meu interesse na relação entre idéias sobre vida pessoal, sexualidade e movimento

socialista. Escrevi um livro sobre Stella Browne, uma militante a favor do controle de natalidade e do aborto, do Partido Comunista dos anos 20. Depois escrevi sobre Edward Carpenter, um homossexual socialista. Também escrevi uma peça de teatro sobre uma mulher chamada Alice Wheeldon, que foi militante no movimento de paz na Primeira Guerra Mundial e lutou pelo sufrágio universal, mas que só ficou conhecida por ter sido acusada de tentar assassinar Lloyd George, o primeiro ministro britânico. Escrevi também uma longa reflexão sobre a relação entre o movimento feminista e o movimento socialista nos anos 80.

Foi um período intenso do final dos anos 70 até a metade dos 80 quando comecei a escrever sobre temas ainda mais específicos. Realizei, também, várias entrevistas com trabalhadoras que não estavam envolvidas com o movimento de mulheres. Estava procurando histórias de vida de mulheres não militantes e uma série de questões sobre as suas condições de trabalho começaram a surgir. Passei a olhar de outra forma para a história que aprendi, buscando compreender a vida cotidiana das mulheres trabalhadoras antes mesmo da emergência do feminismo. Quando estava na Wider, encontrei uma historiadora do Sri-Lanka que escrevia sobre feminismo e nacionalismo no Terceiro Mundo. Através dela comecei a perceber que existia um vasto material sobre movimentos de mulheres em outros países. Comecei, então, a reunir este material para escrever *Women In Movement*, um livro que pretendia analisar o movimento de mulheres num contexto geográfico mais amplo e num espectro de tipos de organizações muito diversificado. Desta forma, pude perceber que existem várias expressões do feminismo além daquelas que nos habituamos a ver nos Estados Unidos e na Europa.

Em 1979, em seu artigo *The Trouble with 'Patriarchy'*, você foi uma das primeiras a criticar o conceito de "patriarcado", criando uma grande polêmica entre as feministas inglesas. Você pode nos contar algo sobre a repercussão deste artigo?

Eu achei que, como historiadora, não poderia sustentar o conceito de **patriarcado**. Naquele momento, na Grã-Bretanha, ninguém concordava comigo, mas eu tinha que expressar as minhas discordâncias. Parecia-me que a idéia de patriarcado inevitavelmente nos levaria para o separatismo feminista. Barbara Taylor e Sally Alexander acharam que eu estava abandonando a teoria feminista, mas o que eu estava tentando dizer era que a teoria feminista sobre as relações entre homens e mulheres deveria pensar em termos das

necessidades mútuas, isto é, deveria pensar sobre as razões positivas destas relações bem como sobre os conflitos. Eu não estava propondo que não deveríamos reconhecer o conflito ou não buscar entender as suas origens. Mas sim, que deveríamos compreender, também, porque as relações entre homens e mulheres não são sempre de conflito total. Do contrário, estariamos negando as experiências daquelas de nós que se relacionavam com homens, em termos sexuais, profissionais e políticos. Eu acreditava que deveríamos deixar em aberto canais de comunicação com os homens. Também pensava que era crucial entender os indivíduos sempre em suas situações históricas específicas, ver as relações em constante movimento. O termo patriarcal sugeria que as formas de dominação masculina eram imutáveis e com isto, como historiadora, eu não podia concordar.

Você acredita que existe lugar para uma história das mulheres?

Aprendi muito sobre as mulheres, porque este é o meu interesse desde 1969. No entanto, quando fazemos história das mulheres, corremos o risco de isolar as mulheres do contexto das transformações mais gerais da sociedade, o que pode levar à exclusão de aspectos importantes e, muitas vezes, essenciais. Quando focalizamos um grupo que foi negligenciado, corremos o risco de distorcer a análise ao extraí-lo, artificialmente, de uma visão histórica integrada. Isto também significa que se construímos uma história sob o ponto de vista das mulheres e a chamamos de "história das mulheres", os homens continuam sendo os protagonistas da História, com H maiúsculo. Eles continuam associados à noção de universalidade. Por esta razão eu tenho reservas a uma história escrita apenas sob a perspectiva de gênero. Minha experiência de pesquisa mostra que eu não posso olhar somente para os aspectos do **cartismo** relacionados com gênero. De fato, as mulheres do movimento cartista tinham preocupações políticas mais gerais: elas queriam conquistar o direito ao voto para os homens das classes trabalhadoras. Eu penso que você não pode entender o movimento cartista se tiver apenas a questão de gênero na cabeça.

Muitas vezes, em uma análise de gênero não se leva em consideração a classe. Da mesma forma, a experiência das mulheres pode ser excluída se você olha apenas a classe. Na Grã-Bretanha, alguns historiadores estão se esforçando para integrar o conceito de gênero com os de classe e raça. É o que tentei fazer em *A Century of Women*. Eu pude olhar para um conjunto de mudanças políticas, sociais, econômicas e

históricas deste século, a partir de uma perspectiva do que estava acontecendo com os diferentes grupos de mulheres.

Então você acha que gênero, como uma categoria de análise histórica, não é útil?

A importância do conceito de gênero é que coloca em evidência a maneira pela qual o poder é definido, estruturado e exercido. Ele traz as relações entre homens e mulheres para a discussão e torna possível apreender a esfera pública do trabalho masculino e a história do sindicalismo com alguns novos *insights*. Entretanto, o conceito de gênero também envolve alguns problemas na medida em que pode congelar o nosso olhar tornando difícil enxergar aqueles aspectos da subordinação das mulheres afetados por outros fatores sociais. Classe, etnicidade e raça podem ficar marginalizados pelo conceito de gênero produzindo novas exclusões teóricas. Ao invés de simplesmente substituir classe por gênero, como a razão determinante da opressão, perdendo de vista outras influências sobre a vida das mulheres, é importante perceber o gênero não como um conceito fixo mas como sendo constantemente redefinido e moldado pelos indivíduos em situações históricas particulares nas quais eles se encontram. Eu não tenho nenhuma resposta rápida e superficial para o lugar do gênero na história. A única coisa que eu sei é que é importante você estar sempre consciente daquilo que a sua perspectiva teórica pode estar excluindo ou esquecendo.

Você acha possível o historiador apreender a totalidade da experiência humana?

Não acho isto possível, o que não significa que o historiador não tente fazê-lo. A história sempre será uma aproximação daquilo que os seres humanos vivem e pensam. Não é possível pensar apenas na consciência, no discurso ou na linguagem como pretendem alguns historiadores porque, assim, a experiência da vida cotidiana desaparece. Existe uma diferença enorme entre como as coisas são ditas e como elas são vividas. Na forma como alguém conta uma história, existem sempre camadas de memória e de interpretação que filtram o que, de fato, foi experenciado. Portanto, é importante não reduzir as pessoas simplesmente a um texto ou um discurso.

Você considera que existe uma forma específica das mulheres fazerem política?

Eu acho que houve um tempo, quando o movimento de mulheres se iniciou, que acreditávamos ser

possível criar um novo tipo de política sem sectarismo, desafiando as hierarquias, o autoritarismo e promovendo a participação, de forma crítica, de um amplo espectro de pessoas. Faltou compreender que existem várias formas de ser sectário. Nós, provavelmente, estávamos sendo sectárias ao acreditar que só os machos dominavam os grupos sectários na política. Mas nós criamos as nossas próprias formas de sectarismo na nossa política. É perigoso generalizar. Temos algumas organizações de mulheres que são hierárquicas e com estruturas extremamente formais – como o *Women's Institute* na Grã-Bretanha. Não creio que, por natureza, as mulheres são menos autoritárias do que os homens.

Pelas minhas observações, tenho detectado que a participação das mulheres na política tende a ser maior no nível local porque elas estão mais vinculadas às reivindicações cotidianas. Entrar na política nacional exige uma determinação pessoal muito grande. Este é o caso de Margaret Thatcher. Ela era excepcionalmente determinada em ingressar na política partidária. Ela tentou várias vezes até conseguir entrar no parlamento. No caso dela, jogava a favor o apoio de um marido rico e influente. Ela teve como contratar alguém para cuidar dos filhos enquanto exercia a advocacia e ingressava na política. É difícil encontrar lideranças femininas como ela, pois ela soube utilizar os atributos de gênero muito bem para fortalecer a sua imagem conservadora. Ela usava a linguagem da dona-de-casa para falar da economia, tirando proveito do que é considerado uma inferioridade natural da mulher que a impossibilita para o exercício de cargos públicos. Existem várias fotografias dela indo ao supermercado com sua sacola de compras. Ela se colocou no papel da mulher consumidora, com todas as dificuldades do dia-a-dia provocadas pelos trabalhistas. Este foi um apelo poderoso ao voto feminino. Por outro lado, ela também representou o papel de um estadista de tipo napoleônico: tirou fotografias com os soldados dentro de tanques após a guerra das Malvinas. Assim, ela sabia trabalhar muito bem as ambivalências de gênero.

Como você vê o movimento feminista hoje?

As idéias do movimento feminista se disseminaram muito nas sociedades atuais. As mudanças que ocorreram não estão, no entanto, relacionadas com aquilo que desejávamos. Estão muito mais conectadas com o espírito americano individualista – as mulheres ascendendo na hierarquia pública, conquistando bons empregos. Uma imagem muito estimulada pela mídia. O que está acontecendo com a grande maioria de mulheres pobres é totalmente obscurecido por esta versão.

Nos anos 70, surgiram muitos movimentos voltados para problemas de habitação, de saúde da mulher e outros assuntos ligados às lutas sindicais. Houve uma tendência, no final dos anos 80, quando os movimentos feministas mais radicais foram derrotados, das feministas sobreviverem através do estreitamento das suas preocupações, tomando como foco principal a relação homem-mulher. Surgiram muitos grupos voltados para a luta contra a violência doméstica e estupro. No entanto, estes grupos tendem a fazer parte do Estado e transformar as ativistas em funcionárias, já que é impossível uma atividade deste tipo sobreviver apenas com trabalho voluntário. Recentemente, alguns movimentos como a Federação Escocesa de Ajuda às Mulheres tomaram uma posição mais autônoma e decidiram se organizar com aqueles antigos princípios coletivos em vez de adotar estruturas de gerenciamento hierárquicas, que acabam sendo impostas quando se recebe financiamentos do Estado. Portanto, alguns resíduos do antigo feminismo continuam.

Hoje muitos temas relacionados ao movimento das mulheres são tratados por instituições acadêmicas. Mas, em geral, as jovens militantes não estão muito inclinadas para os movimentos de mulheres. Podem não ter uma posição de hostilidade, mas também não têm a de entusiasmo. As jovens mulheres procuram movimentos diferentes, como o de defesa da natureza, defesa dos animais, protestam contra a engenharia genética nos alimentos, entre outros. A militância política partidária decresceu dramaticamente na Grã-Bretanha desde 1980. Os jovens, tanto as mulheres como os homens, preferem se engajar nestes movimentos alternativos. Eu não comprehendo muito bem o porquê disso.

Conte-nos algo sobre *A Century of Women*, seu último livro.

No meu último livro, *A Century of Women*, eu tive que me restringir à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, mas pude incluir uma ampla variedade de experiências. O livro abrange um olhar sobre a vida cotidiana, o trabalho, a sexualidade e a cultura popular. Quando não tinha material suficiente para elaborar um capítulo intelectual, optei por pequenos textos sobre, por exemplo, Doris Day, Marilyn Monroe, as cantoras de blues. Apesar de estar interessada em entender o que faz as mulheres participarem de movimentos, de fato, *A Century of Women* foi muito mais sobre que tipos de influências históricas tiveram impacto sobre a vida das mulheres e, também, sobre os diferentes movimentos que as mulheres criaram. Minha preocupação principal é com aquilo que conecta a história geral com a história das mulheres e como esta história se transforma.

Qual o seu projeto atual?

Eu passei este ano revisando e ampliando um capítulo sobre os anos 90 de *A Century of Women*, para uma reedição. Acrescentei dezenas de páginas sobre o período do final de 1995 até o final de 1997. Foi muito difícil porque quando eu estava escrevendo, em fevereiro de 1998, surgiu o escândalo Clinton-Lewinsky. E eu não sabia como incluir tão rapidamente este fato e optei por concluir a década de 90 em 1997, para fugir desta delicada questão. Agora estou concluindo uma coletânea de ensaios, que inclui algum material autobiográfico, que tem como título *Threads of Time* e que será em breve publicada.

TRADUÇÃO DE FRANCISCO PONTES DE MIRANDA FERREIRA,
BILA SORJ e MIRIAN GOLDENBERG